

CAPÍTULO IV

Experimentações dum cirurgião contra a psicologia clássica

Tratando ainda de histeria, iniciaremos agora uma investigação experimental sobre a minha lei de realização psíquica inconciente. Para isso, demonstraremos, sem possibilidade de refutações, que a atividade psicomotora pode ser despertada por sugestão inconciente, neste cap. 4.º. Ficarà destarte iniciado o estudo do VII item, formulado no cap. I (a concepção da pré-adaptação à atividade psíquica inconciente). No cap. anterior já expusemos a nossa concepção da histeria, e da personalidade da histerica, em parte implicitamente. Neste, começando por demonstrar a realidade da sugestão inconciente, por meio de uma observação colhida há anos, vamos entrar a referir algumas doutrinas sobre histeria.

Para Babinski, *a histeria é a sugestão*.

E ele acha que a sugestão consiste em *aceitar uma idéia irracional*.

(Se existisse a palavra *irrazoável*, era a que traduzia bem a expressão de Babinski.)

Esta concepção é a mais superficial; mas foi a de maior utilidade e clareza...

Na cura, Babinski vê sempre *o efeito da persuasão*.

Que chama ele persuasão?

É o *ato de fazer aceitar uma idéia razoável*.

Disso levemente discorda Janet, em três pontos:

1) *a histeria não é só a sugestão*; há sugestão que não é histerica. Ou, melhor, a sugestão é mais extensa que a *histeria*.

(Isto se resolveria, *teoricamente*, dizendo que a histeria é a sugestão no indivíduo predisposto. Seria justo, mas a *predisposição* é de complicada caracterização.)

2) *Há defeitos na definição de histeria pelo bom êxito do tratamento*. É que o resultado da terapêutica depende estritamente do médico e seu processo.

3) *Histerias surgem após traumatismos emocionais*. Assim pensam muitos, entre os quais Dejerine.

Janet acentuará que *não se descobre*, nesse caso, o ato da sugestão. É exato.

Mas Babinski, Dumas e outros, no "front" viram que nunca se dá tal caso, *sem que seja possível "invocar" a sugestão*. É também exato.

Dumas lembra também, para tais interpretações, o *estado de confusão*.

Ora, a confusão realça o automatismo, e o subconciente; aumenta a sugestibilidade.

Mas tal lembrança não importa em teoria nova. Na emoção intensa dá-se o aumento da sugestibilidade.

Não é ainda de todo justa a repulsa de Dumas e Babinski, relativamente à emoção, como causa da histeria. As relações entre a *emoção* e a *sinceridade*, não se podem fixar praticamente como entende Babinski. Ninguém pode prefixar limites e doses à credulidade e à mentira no histérico.

Também o célebre argumento Babinskiano da catástrofe de Messina não vale grande cousa. Nessa ocasião o dr. Neri examinou mais de dois mil sobreviventes. Não encontrou nenhum caso de paralisia ou contratura histerica. O mesmo resultado achou Babinski inquirindo os empregados de hospital, em Paris, encarregados de cuidar os mortos, e que assistem à explosão emocional dos parentes das vítimas.

Assim conclue, daí, Babinski, que a emoção é incapaz de dar a histeria, por si só, sem sugestão. Assim formulada, a conclusão é justa.

Mas é preciso não esquecer que a sugestibilidade está compreendida no choque emocional. Este rebaixa a atenção, e a autodireção. Não esquecer que a emoção pode fazer a histeria, e não conseguí-lo, *por fraca*, ou porque o organismo *não era predisposto*, ou ainda porque, *na ocasião, as tendências coerentes, contrárias, sustaram a realização da sugestão*.

E a realização bem pode vir depois.

Isso quer dizer que a concepção de Babinski visa mais a arte, do que a ciência. Que ela é mais pragmática, do que patogênica. Ela se contenta de olhar um resultado. Pouco lhe importam causas. Ora, *remontar às causas* é a significação da análise. E por isso se explica que os discípulos, limitados a essa doutrina, recuem dos achados da psicanálise, como de uma realidade sem proveito prático imediato, demorada, cansativa, e irreverente perturbadora da santa paz dos espíritos...

Que vale mostrar que, num momento a emoção deu a histeria só através da sugestão? Que vale dizer que *sem sugestão a histeria não nasceu agora*, se os repetidos choques emocionais, aumentando cada vez mais, e intoxicando, criam a alta sugestibilidade que vai, logo após, desfechar na moléstia?

Isso quer dizer que o fator *emoção* pode ser indireto, mas não se subentende que não é da máxima importância.

As experiências do passado abrem a porta à doença, não exatamente pela sugestão: mas pela emoção, que prepara a disposição ao efeito patogênico da sugestão.

E isto quer dizer que os fatores ainda são inconcidentes, e que agem sem que disso se dê conta o indivíduo.

Ora, exatamente este ponto essencial, que os entusiastas intransigentes de Babinski desconhecem, já era entretanto implicitamente revelado por Charcot, e conhecido de Janet, espíritos que eles em geral repelem demais: "L'idée, (dizia Charcot, Dumas, II, 925), l'idée ou le groupe d'idées suggérées se trouvent dans leur isolement, à l'abri du contrôle de cette grande collection d'idées personnelles, depuis longtemps accumulées et organisées, qui constituent la conscience proprement dite, le moi."

E ainda mais claramente:

"Chez certains sujets, il est possible de faire naître par voie de suggestion, d'intimidation, un groupe cohérent d'idées qui s'installent dans l'esprit à la manière d'intimidation, un groupe cohérent d'idées associées qui s'installent dans l'esprit à la manière d'un parasite, restent isolées de tout le reste, et peuvent se traduire à l'extérieur par des phénomènes moteurs correspondants."

Vendo assim consignada a coerência de idéias inconcientes que se manifestam, traduzindo o passado de certos indivíduos, compreende-se a justiça de apontar Freud como discípulo de Charcot.

Não destoia disso a definição de Binet para a sugestão normal: *uma pressão moral que uma pessoa exerce sobre outra*.

E também esta evidência de fatores inconcientes condicionando atos atuais mostra, desde o início, vários aspectos comuns em todo o longo desenvolvimento que têm tido as concepções de Janet e de Freud, em suas numerosas publicações, e em suas pesquisas ainda mais numerosas, nestes últimos quarenta anos.

Em resumo, porém, o que desta apreciação resulta em foco, é a qualidade inconciente da sugestão.

Torna-se, nesta altura, o fato capital.

Entretanto, na hora atual, espíritos há, tão eminentes e tão documentados como G. Dumas, o mestre, e que ainda negam ou não encontram a qualidade subconciente da sugestão.

Sem falsa modéstia, julgo poder apresentar uma prova de valor, e verdadeiramente experimental, e feita com testemunhas.

Para bem frisar a sua significação, transcreverei a opinião do mestre (páginas 933-34, 2.^o volume do seu tratado), e depois a minha experiência.

"*Telles sont les deux conceptions de l'hystérie qui s'opposent à l'heure actuelle et que nous devons résumer. Il est plus difficile de se prononcer entre l'une et l'autre.*

Nous dirons cependant, comme Babinski, après avoir observé, chez les commotionnés des batailles, beaucoup de troubles hystériques, que nous n'en avons pas rencontré un seul (qu'il s'agit d'un accident ou d'un prétendu stigmate) dont l'origine suggestive ou auto-suggestive n'ait pas été certaine ou probable.

Nous ajouterons aussi, bien que cette déclaration découle de la précédente et soit, à cet égard, superflue, que nous n'avons jamais vu un traumatisme émotionnel engendrer des troubles hystériques, sans qu'il fût possible d'invoquer des auto-suggestions e des suggestions intercalaires.

Pour ce qui concerne le mécanisme génétique des accidents hystériques, nous n'aurons garde de contester à Janet les nombreux cas où il a vu l'auto-suggestion, créatrice de paralysies ou de contractures, se développer sur le plan du subconscient, en dehors de la conscience claire et de la volonté; mais, *dans notre expérience personnelle, qui a porté surtout, il est vrai, sur des sujets émotionnés et commotionnés par des explosions d'obus, nous n'avons pas rencontré de cas de se genre* et nous avons toujours vu les anesthésies sensorielles, les paralysies, les mutismes résulter des efforts volontaires et inefficaces que des sujets, présentant de légers troubles sensibles ou moteurs, avait faits pour entendre, pour voir, pour parler ou pour marcher après leur émotion-commotion. Dans tous ces cas, le travail mental qui avait précédé le trouble hystérique avait été volontaire et conscient; le sujet avait conscience de ses efforts, de leur difficulté, et il arrivait à l'accident par une voie large qui se rapprochait beaucoup plus de ce que nous avons appelé l'auto-persuasion (II, 743) que de l'auto-suggestion stricte de Janet (V Dumas, T, 150).

Sans doute, on peut rapprocher nos cas des cas de Janet, en faisant remarquer que la dépression était manifeste chez nos sujets et qu'ils étaient réduits à des efforts insuffisants de réflexion et d'action, mais, en dépit de cette insuffisance, *ils ne paraissent pas avoir été dominés par des suggestions automatiques et inconcientes, puisque leurs anesthésies et leurs paralysies étaient comme des conclusions de leur pensées personnelle et consciente* qui se réalisaient sous une forme sensitive ou motrice.

hystériques, ce caractère de réalisation extérieure et souvent d'achèvement que Janet a si bien mis en lumière, qu'il considère justement comme caractéristique et qu'il explique par le développement automatique de la tendance émancipée sur le plan du subconscient. Mais, dans les cas, nombreux à notre avis, où l'origine de la suggestion doit être cherchée dans les préoccupations conscientes du sujet, on ne voit pas comment une auto-suggestion ou une suggestion pourraient se réaliser, sous forme d'accidents, par une collaboration continue des tendances centrales, de l'attention et de la volonté; la perfection, l'achèvement et la durée ne sont pas en effet compatibles avec l'exercice de fonctions conscientes, qui se fatiguent très vite et qui oscillent sans cesse dans leur activité, avant de s'esquisser. Force est donc d'en revenir, sur ce point spécial, à la théorie de Janet et d'admettre que les autopersuasions, qui se réalisent sous forme d'accidents, ne se réalisent et ne durent qu'en tombant de la conscience et de la volonté claire dans la subconscience et l'automatisme."

Deixei sublinhados os trechos que frisam e resumem a atitude do mestre.

Ele não nega o mecanismo genético inconciente. Mas, na sua experiência pessoal, ele não encontrou casos desse gênero. Seus doentes não pareciam dominados pela sugestão inconciente... porque "suas anestésias e suas paralisias eram como conclusões do seu pensamento pessoal e conciente..."

Note-se que este arrazoado é por demais grave, pois implica toda uma doutrina, segundo a qual, quando o resultado parecer a conclusão do pensamento conciente, não houve uma fase inconciente a atravessar, antes de chegar ao resultado...

Continuemos o resumo, entretanto.

Quando a origem da sugestão deve ser procurada nas preocupações conscientes, "on ne voit pas comment" um acidente de sugestão se realize sob o efeito das tendências centrais: "la perfection, et la durée" não se coadunam com o exercício da função conciente... "Force est donc d'en revenir" à teoria de Janet, e admitir que as autopersuensões, que se realizam sob a forma de acidentes, não se realizam sem cair no automatismo e no subconciente.

Olhando esta síntese em conjunto, vê-se que o egrégio mestre admite por um raciocínio, forçado, "on ne voit pas comment", que há sugestão inconciente; em certos casos ele admite que "force est donc" pensar como Janet que a sugestão não pode ser conciente...

Tal o ponto decisivo: aos que têm estranhado que um cirurgião se ocupe de sugestão, aviso que julgo poder fundar a esse respeito minha opinião em demonstrações e não somente em raciocínios que forcem a admitir afirmações.

Eu creio poder concluir pela sugestão sem consciência do sugestionado, mediante experiências que só as lidas da cirurgia facilitam.

Transcreverei, para documentá-lo, um fato que foi testemunhado por muita gente e foi objeto de uma comunicação à Sociedade de medicina. Eis o resumo desse caso:

RESUMO DE UMA CURA DE PARALISIA HISTÉRICA. — F., hipoplásica, 17 anos, solteira, ocupava o número 22 da 7.ª secção, onde me foi mostrada pelos drs. Brenno e Varnière, justamente no dia em que eu retomava o serviço, depois de um ano de ausência. Apresentava ela completa falta de movimentos nos membros do lado esquerdo e não podia dizer palavra. Como havia reflexão dos dedos à excitação da planta esquerda, mais ou menos igual à do

lado direito, e visto que a tonicidade era também sensivelmente igual em ambos os lados, e ainda diante da integridade dos reflexos, concluí que se tratava de paralisia histérica e mutismo histérico. Confirmava-se desta sorte a suspeita dos colegas acima referidos e mais a do dr. Argemiro Dornelles. Releva notar que durante algum tempo ensaiaram-se vários processos de cura pela sugestão, porém tudo inutilmente.

Alguns dias depois era a doente submetida à *anestesia geral pelo éter, e durante o sono* empreguei o seguinte processo que lhe produziu a cura:

Segurei o braço paralisado pelo antebraço *com certa pressão, como quem dá uma ordem sem falar e impõe uma atitude*, e o levei à posição vertical. Caía tão flácido como o outro; repeti a operação porém agora sena deixá-lo cair, esperando a meio da queda, e impondo-lhe outra vez a mesma posição, insistente e repetidamente. No fim de alguns segundos, já o braço caía mais lentamente. Colocado então em posição mais exatamente vertical, para que fôsse *mais fácil a eficiência* de uma força insignificante, que se esboçava, aconteceu que a queda se fazia por etapas, sucessivamente, numa intercadência muito clara. Nestas condições, viam-se várias paradas, antes de chegar-se à horizontal, com o contacto da mesa. Nessa ocasião, tentando, duas vezes, idêntica manobra com o outro membro, êle caía pesadamente, como se êle é que fôsse o paralisado. No outro dia a doente me mostrava sorridente o movimento dos dedos e do braço, depois o da perna, mas não dizia palavra; só conseguí que movesse os lábios e avançasse com a língua nada mais que uns milímetros. Expliquei-lhe que lhe curaria o mutismo quando eu quisesse, e fi-la trabalhar em costura. Alguns dias depois, como lhe notasse a ansiedade por ficar boa, disse às suas vizinhas de leito que a doente amanheceria falando. Para coonestar de certa maneira a demora e restabelecer o meu prestígio, que estava perigando diminuir, recomendei à irmã, *agora excelente colaboradora*, que cuidasse muito para que a menina não falasse muito alto, no dia seguinte, pois, ficando forçosamente mui contente era provável que ela quisesse falar alto. E expliquei com certa importância e minúcia que sendo aquilo tudo dos nervos não tínhamos nenhuma pressa. No dia seguinte a doente cochichava algumas palavras, e pouco tempo depois conversava e dava os primeiros passos, levando uns quinze dias para o restabelecimento completo.

COMENTÁRIOS. — O movimento despertado durante o sono, isto é, a abolição da paralisia de um segmento do braço, deu-se automaticamente, por um reflexo simples.

Ora, quem ouve os clássicos sobre histeria aprende isto: "a sugestão faz-se com o paciente acordado ou durante a hipnose". (MAURICE DE FLEURY, pág. 833.)

Via de regra, não se emprega a anestesia geral, provavelmente menos perniciosa que a hipnose. O meio que empregamos deve ter agido por sugestão; entretanto, nos melhores clássicos se encontra a negação dêsse modo de ver: "Que entende Babinski pelos dois termos de sugestão e de persuasão pelos quais êle caracteriza a patogenia e a cura dos acidentados histéricos, e que êle não deixa de opor, entrê si, até certo ponto?" Eis a resposta que se costuma dar a essa pergunta: "A sugestão é para êle a ação pela qual um espírito aceita uma idéa manifestamente irrazoável; a persuasão é o ato pelo qual nós o obrigamos a aceitar uma idéa sensata ou pelo menos que não fere o bom senso". (G. DUMAS, *Traité*, II, pág. 922.)

Ora, se isso fôsse rigorosamente exato, concluiríamos que o processo acima referido combateu uma paralisia histerica sem sugestão nem persuasão, o que eu considero absurdo, se nesses meios se compreende também a auto-sugestão.

Não admito que se atribua a Babinski, mesmo implicitamente, essa opinião, porque, como diziam BINET ET SIMON, muitos se têm enganado no aquilatar a alçada das idéias de BABINSKI. Antes a JANET seríamos tentados a imputar êsse modo de ver, pois êle é que tem ainda esposado uma doutrina nestes termos: "Um acidente pode portanto ser histerico mesmo quando não cede à sugestão, mesmo quando se produz sem sugestão geradora, e, segundo JANET, tal acidente será reconhecido histerico por êste sinal que — ainda recaindo sobre uma função, o acidente desaparece no momento exato em que a função se exercita automaticamente, fora da atenção e da vontade do individuo. — (DUMAS, *idem*, pág. 924.)

Quanto à definição de BABINSKI, acima referida, não seríamos o primeiro que com rigorosa justiça criticasse nessa fórmula de utilidade prática a falta de lógica de baseá-la nos resultados que ela dá, em vez de lhe ter assentado os fundamentos na intimidade do mecanismo. Mas isso seria olvidar a atitude do autor, que visava menos uma interpretação lógica do que um resumo concreto de suas observações clínicas.

Quanto, porém, à doutrina de JANET, a gravidade é muito maior na afirmação de que o exercício automatico de uma função ausente, como na paralisia, se exclua de todo em todo a sugestão.

Considero que a experiência clínica aqui realizada, nesta doente, permite levantar contra êsse pormenor da teoria de JANET uma objeção de fatos, livre e isenta de qualquer prejuízo verbal.

Não chegaria JANET a dizer que no caso da minha paciente não houve sugestão. Creio que êle se refere, na sua afirmação, ao fato semelhante, no qual uma paralisia desaparece espontaneamente, sem nenhuma causa visível, e que a tal se reduza a sua expressão de *automaticamente*. Mas, dado o fato que, sob a aparência do mesmo gesto, posso obter ou não obter a cura, quando seguro o braço e lhe imprimo a atitude, e visto que o resultado depende de um elemento mínimo, como é a *qualidade da excitação*, segue-se que há elementos profundamente sutis que podem produzir a auto-sugestão, ainda quando a doente curou-se espontaneamente, e sem esperar nem notar. Que é, porém, uma qualidade de excitação, isto é, uma qualidade de estímulo? É o mesmo que a qualidade da imagem, cópia psíquica dessa impressão. Como geralmente se observa, a intensidade, a direção, o ritmo, a rapidez, etc., são qualidades que modificam profundamente o valor de um mesmo som, de um mesmo toque, de uma mesma pressão, ainda que essas imagens sejam absolutamente iguais sob todos os outros pontos de vista. Por outro lado, o nosso poder subconsciente percebe melhor ainda que a nossa consciência clara essas qualidades sutis, fato êste conhecidíssimo, bastando lembrar as experiências clássicas das "leituras de pensamento".

No meu trabalho — LA RÊVE ET LA SÉLECTION DES IDÉES, — encontrareis, porventura, um estudo dessas qualidades da imagem, sob o nome de *elemento acessório* da sensação e da imagem, e algumas pesquisas sobre *associações ideomotoras*. Evito, pois, referi-las aqui.

ANTECEDENTES. — Realizada, assim, essa cura de sugestão e de persuasão, procurei solidificá-la diminuindo-lhe a sugestibilidade. Para isso, e antes de tudo, dei à paciente algumas noções ao seu alcance, e fiz compreender aos

que convivem com ela sua parte na criação da doença. Dadas dessa maneira minhas explicações, procurei demonstrar o bem fundado de minhas afirmações. Fiz, por isso, que a mãe da paciente me narrasse a história do mal. Eis aqui o resumo das suas informações:

F..., que tem 16 anos, foi atacada de paralisia e mutismo há 6 meses. Foi menstruada aos 11, uma vez, só começando o período 9 meses depois. Sempre foi fraca, tossindo um pouco, e enfatiada, queixando-se amiúde de dores nas costas. Menstruação sempre demasiada, e muitas vezes apresentando coalhos negros. Inteligência abaixo da mediana, muito sensível quando contrariada, porém manifestando intensa inclinação amorosa, primeiro ao pai, e, depois de morto este, ao padrasto, que ela teve durante 4 anos, pois também esse morreu no fim desse tempo, em 1926.

A mãe informa ter sofrido muito de dores de ouvido, e é mais que provável que eram de origem específica, segundo concluí de informações significativas. O pai sofria de uns ataques, provavelmente epiléticos. Durante esses ataques, a filha agarrava-se-lhe às pernas, em plena agitação convulsiva, "pois lhe queria muito". O padrasto tinha uma paralisia do braço e perna esquerdos. A enteada assistiu à instalação da hemiplegia. Mas, a-pesar-de estar cuidando dele com carinho, na ocasião, tendo mesmo chamado a mãe quando ele saiu adoentado à rua, onde chovia, "não se impressionou" ao ver, momentos depois, desenrolar-se o acidente diante de si. Ela ainda cuidou dele com amor durante um ano, tempo em que a paralisia terminou, com a morte do doente. Sentiu muito essa morte.

HISTÓRIA DA DOENÇA ATUAL. — F... tinha desde pequenina fortes dores de ouvido (como a mãe). Há somente um ano, já sem pai nem padrasto, é que ela teve o seu primeiro ataque, que surgiu durante uma dessas crises de dores de ouvido.

Imediatamente antes desse primeiro ataque, ela teve tempo de dizer: "minha mãe! não é mais dor de ouvido, é uma cousa diferente!" Os ataques repetiram-se, e, há 6 meses, por ocasião de um deles, surgiu a paralisia e o mutismo.

COMENTARIOS DE ORDEM PATOGENICA. — No mecanismo desta cura é evidente que a persuasão foi apenas uma fase que completou e aperfeiçoou o processo mais primitivo da sugestão automática. E' manifesta, neste caso, a ação primitiva da sugestão inconciente. As condições da experiência não permitiram dúvida. O fato, por outro lado, não é desprezível: e nele fundamento eu a minha pouca simpatia com a atitude de Babinski, quando este parece opor um tanto, um ao outro, os dois processos da sugestão e da persuasão.

Conforme a natureza, somática ou não, da causa das dores de ouvido da paciente, foi, de início, uma nevralgia, uma nevrose, ou ainda uma nevrose "atual", ou mesmo uma forma histero-orgânica da nevrose, que começou o estado mórbido. Tudo depende das idéias, ou doutrinas esposadas. Em todo caso, ela tinha otalgias, como a mãe; tinha ataques parecidos aos do pai; e, mais tarde, essa hemiplegia que foi uma cópia servil da do pai. Só o mutismo foi uma criação da auto-sugestão, sem o auxílio da experiência individual inconciente.

Na geração da paralisia já houve uma complicação, relativamente aos ataques. Porque nos ataques não se deu um grande conflito interno. Um pequeno conflito moral dá sobrada energia para ser *convertida* no sintoma — ataque.

Na paralisia, e na frase pronunciada imediatamente antes, se descobre a majoração do conflito. Essa frase revela a atividade dos instintos de perigo. Isso está a favor da teoria que descobre na paralisia e na afasia soluções frequentes para o conflito onde entram os instintos de perigo, caso em que esses resultados mór-bidos constituem soluções que tendem a eliminar ou iludir o perigo: defesa errada.

Eis o resumo do caso. Nenhuma autoridade há que seja capaz de negar que o movimento que o braço adquiriu foi um processo que se passou completamente fora do conhecimento da paciente. *Enquanto ela ainda estava em plena inconsciência* já o membro retomava a motilidade, e, até conseguiu maior reação motora que o membro são. É também exato que ela estava talvez preparada para isso. Só o fato de se lhe haver procurado a cura pela persuasão ali mesmo naquele serviço, já importaria numa certa influência sugestiva. Deve-se mesmo admitir que em geral o doente *deseja a cura*. Não é impossível que a paciente, ao ir para a mesa da anestesia, estivesse mais ou menos *persuadida* de que ia curar-se. E isso é uma condição sempre invocável. A doente que se entrega ao tratamento, é provável que o faça persuadida de que vai curar-se. Também é justo dizer que não só o *desejo*, mas até o *reccio* de curar-se pode ser uma circunstância propícia.

Pesem-se, porém, tôdas as minúcias que visem a contradita. Em qualquer hipótese, *não é possível pôr em dúvida que a aquisição do movimento foi uma realização positivamente inconsciente*; apareceu durante a narcose completa, enquanto a doente não reagia ao bisturi que a cortava.

Mas não é tudo. Evidencia-se ainda, do mesmo passo, que *a ausência do estado consciente favoreceu o aparecimento, a eficiência da sugestão*. Esta experiência dispensa qualquer discussão: a sugestão sortiu efeito em plena anestesia geral. Foi inconsciente.

Há porém outro ponto a estudar. Olhemos agora, e classifiquemos todos os elementos que integram a vida: atividades do corpo, da alma e do espírito e as suas respectivas relações com a

sensação em geral,
os movimentos,
o amor caridade,
a atração do belo em geral,
a compreensão e concepção,
a vontade.

Esquemmatizando as relações, à semelhança de Klages:

O corpo	{ sente e tende a mover-se	{ exprime a alma pelo ritmo da sua atividade.
A alma	{ ama e cria beleza	{ unida ao corpo e atualizada pelo espírito.
O espírito	{ compreende e realiza a vontade	{ domina e dirige a alma para as reações de elevação, ou para o sacrifício.

Estamos agora em condições de acompanhar tôdas essas fases de recomposição da personalidade, revendo essa observação escrita logo após o estudo do seu labor psicoterápico, e muito tempo antes que outros estudos me levassem a aceitar essa concepção. A análise da cura psicoterápica me deu como resultado geral:

I.c) — *A vontade* e a *compreensão* esclarecendo e saneando a direção das atitudes da personalidade.

II.º) — Eleição dessas atitudes pela dedicação *amorosa* à família, ao próximo, à gratidão, ou a Deus, pela atração da beleza estética e da *beleza* moral.

III.º) — Atualização, repetição e fixação dos comportamentos e atitudes assim modificados, e compreensão dos novos *ritmos* e sentidos ligados àquelas transformações na estrutura anímica.

Às vezes, não é mui difícil assistir pela análise à recomposição gradativa dessas fases. É mesmo fácil, tanto no canalha que simula o reumatismo para gozar a pensão, como na, dór de cabeça, mais ou menos puramente histérica, e acompanhada de vômitos, sempre que haja o projeto de ir ao cinema, sendo que nessa ida ao cinema aparece um companheiro, e que êsse companheiro é um rapaz de quem a histérica tem nojo, mas a-pesar-de tudo isso os pais dela estão trabalhando para que ela case com êle...

Ela, de fato, está num beco sem saída: morre de amores por um bigorrilha bêbedo, cheio de doenças, e que abertamente já faz planos em pagar as suas dívidas com o dinheiro da candidata. Ela sabe de tudo isso. Fisicamente, êle não é bonito, mas tem um certo ar atrevido, e gosta de brigas. Mostra certo *desempeno*, e *as outras* olham muito para êle... Ela vagamente acaricia o muito que será comentado êsse casamento, só explicável por um grande, um louco, um infinito amor... Pode-se concluir isso pela conversa dela, pelo gosto, pelas inclinações, pela atitude geral, e pelas indiretas repetidas e claras... Pois bem: ela já planejou apressar o casamento. E quer porque quer... como lhe diz a mãe. Num caso dêstes:

1.º:

A VONTADE veio de uma
COMPREENSÃO defeituosa.

2.º):

A alma AMA erradamente e atualiza a BELEZA moral com a mesma debilidade espiritual.

3.º):

O seu corpo exprime parte dessas penúrias da vida dela, pelo ritmo e sentido dos MOVIMENTOS e da conduta psicofísica.

Mas, no caso vertente de F., não existe essa singela transparência de cousas. Morfologia hipoplásica. Inteligência débil. Habituada a deixar-se guiar pelas palavras da mãe, que a todo instante repetia, diante da filha, que esta "era muito amorosa, e queria muito ao padrasto." Gabada por "não se impressionar" com os ataques convulsivos nem com a paralisia do padrasto. Atmosfera psíquica, criada assim pela mãe, e que a levava a achar "bonito" e importante êsse comportamento, assim referido aos outros diante da criança. Afastamento parcial da realidade: a pequena "não se impressionou" com o dramático ataque do padrasto amado, ao ficar paralisado. A mãe costumava repetir que a filha havia sentido muito a morte do padrasto.

Eis os fatos cuja análise conduz à vontade defeituosa, à compreensão errada; essas deficiências permitem uma orientação perigosa da alma, e uma visão acanhada do belo; tudo o que se coaduna com uma conduta psicofísica anormal.

O importante é a cura da paralisia flácida, pela sugestão sem palavras, e feita pela qualidade da sensação tátil. Como vimos acima, não há negar que a ação foi inconciente; mas a atividade inconciente, reagindo à sensação, começou a produzir o movimento, e a contração no membro flácido. O psicanalismo ortodoxo bateria palmas a essa experiência (que nunca fez), para dizer: olhem aí a prova da deliberação do inconciente. E errava, como sempre errou, conforme indiquei já no meu *LE RÉVE*, nos últimos capítulos.

Os psiquiatras, os filósofos, os caracterologistas, os moralistas, cada qual arrimado ao seu ponto de vista, têm-se manifestado contrários a essa intelectualização dos atos inconcientes. Mas ninguém fez uma experiência como essa, capaz de esclarecer a estruturação dos movimentos reflexos, depois de os fazer nascer.

Como nasceram? Para bem compreender essa revivescência de movimentos abolidos, lembremos um fato de nossa vida ordinária, e que se dá, por exemplo, no barbeiro, ou quando experimentamos uma roupa no alfaiate. Se o barbeiro nos dá um pequeno golpe com o dedo na cabeça, causa-nos surpresa, e vamos saber que é isso, e se não foi, talvez, algum amigo brincalhão que nos quis fazer objeto de pilhéria. Por isso, olhamos, viramos o rosto, e em seguida tratamos de tirar a limpo a causa do golpe. Entretanto, nada disso fazemos, se a mesma sensação, no mesmo ponto, e em condições iguais, tiver uma *qualidade diferente*: se o mesmo dedo der um contacto levemente e aumentando levemente a pressão: nesse caso, nós viramos docemente a cabeça para o lado oposto, e não nos surpreendemos. Vagamente compreendemos que nos pedem uma modificação na atitude da cabeça. O movimento pode ser maior ou menor, mais para cima, ou mais para o lado.

Essas minúcias também são as alterações na qualidade da sensação que as provocaram.

— Mas (dir-se-nos-ia), então existe a deliberação do inconciente, como quer Freud... Porque assim como nós deliberamos atender à sensação feita pelo barbeiro, assim também o inconciente da menina F. deliberou suster o braço, quando nós lhe imprimimos uma certa pressão, ao movimentá-lo, como quem dá uma ordem muda...

Não. Essa conclusão não é certa:

1.º) — Porque a deliberação se deu para os primeiros movimentos da cabeça; logo depois eles ficaram automatizados, e podem ser realizados conversando, lendo, ou em profunda distração. Não é indispensável a deliberação, e tanto mais independentes ficam os movimentos, quanto mais simplês e uniformes, isto é, semelhantes aos reflexos.

2.º) — Quando eu levantava o braço da menina anestesiada, ele caía frouxamente, inerte. Repetindo, colocando-o quase na vertical, como quem dá uma ordem (apertando, e firmando, e mantendo-o tenso, e retirando, depois a mão), o braço, numa das quedas, fez uma tremura. Eram as primeiras contrações. Depois, parou um pouco, a meio caminho. Em seguida, levado exatamente à vertical, parava mais, e, ao cair, já fazia pausas, antes de tocar na mesa.

3.º) — O primeiro movimento de contração, isto é, a primeira pausa esboçada, veio em consequência das sensações do músculo, tendão e pele, durante a queda...

4.º) — Não há necessidade da deliberação, a menos que tenhamos que admiti-la para as mais simples contrações reflexas.

Há, entretanto, uma condição da máxima importância psicológica: êsse reflexo de parada pela contração apareceu em virtude da repetição; êle não veio nas primeiras quedas; veio sob anestesia; e veio por ocasião de uma certa qualidade da sensação. Isto, em resumo, quer dizer que a contração se produziu no membro paralisado como resultado de vários fatores convergentes:

1) excitação músculo-tendinosa da queda (que pode estar associada a afetos que sejam orientados para a defesa);

2) inconsciência anestésica;

3) uma impressão cutâneo-muscular de apêto, de certa forma e ritmos, habitualmente interpretáveis como ordem, e também associados a movimentos de defesa.

Portanto existe uma convergência de elementos que tendem ao mesmo fim vital. Esta afirmação talvez suscite, no leitor, alguma dúvida: o ritmo, (ou qualidade) da sensação associado a determinado movimento de defesa. E' o último ponto a esclarecer. E o mais simples é uma demonstração na rua, durante um passeio por um arrabalde. Encontrando, por exemplo, um cachorrinho muito novo, inexperiente, podemos abaixar-nos lentamente, ou bruscamente e colhêr, na frente dêle, um objeto do solo. A diferença no ritmo dos movimentos, brusco ou lento, não influe na reação do animal. Sendo, porém, um cão sem dono, ou sem cuidados, acostumado a ser corrido e maltratado, a pedradas, êle reagirá pela fuga imediata, ao movimento brusco (nessas condições é que êle tem recebido castigos). Não reagirá ao mesmo movimento, logo em seguida, ou pouco antes, feito pela mesma pessoa, desde que o ritmo seja diferente, lento, mesmo que seja colhida uma pedra.

Não pode ser mais nítida a ligação entre o movimento do cão e a qualidade da sensação visual. Ora, essa experiência está à altura de qualquer pessoa.

Entretanto, essas experiências nos permitem outra descoberta, de grande significação em psicologia: a qualidade (ou detalhe, emotivo), como lhe chamei em *Le RÊVE*, não prescinde dos restantes elementos da sensação ou da imagem, mas predomina sobre êles. Isto é, na estruturação de um todo psíquico, como a percepção, há de haver uma predominância de um elemento sobre outros, que a êle ficam relacionados em *subordinação relativa*.

Vimos isso na experiência do cão, e na análise da cura de F. Na construção da atividade motora, ainda na fase inconciente dessa atividade, a qualidade da sensação tátil dominou os outros elementos acima referidos na experiência. Mas é preciso esclarecer isso. E' verdade que essa sensação deu resultado depois que a sensação tendinosa da queda provocou as primeiras contrações. Mas, nessa queda, o movimento crescente (que está associado à queda), e portanto ligado aos movimentos de defesa, também agiu como provocador, como estimulador eficiente, por êsse crescendo, que é uma forma especial de ritmo. No cão se verifica o mesmo (veja *Le Rêve*, pág. 31, observation IV), pois o ritmo do movimento se sobrepôs a tudo, para compor um conjunto por êle dominado, sem o que não se poderia explicar a fuga do cão.

Quando se trata da imagem que copia uma sensação ou uma percepção, a significação dessa imagem depende da predominância dessas qualidades, que estão ligadas a afetos, e, por êles, à totalidade do passado. Essa significação de defesa, e bem assim a verificação dos atos assim produzidos e orientados concretamente para a defesa, nunca me pareceu que devessem ou pudessem ser

concebidos, ao contacto da realidade da vida, como uma separação completa, estanque, hermética entre o inconciente e conciente, isto é, entre o instinto inferior e o espírito. As correntes psicológicas e filosóficas creio eu que cavam demasiado fundo o sulco dessa separação. Ora separam demasiado o *corporal*; ora deixam muito afastado o *espiritual*, ou abrem guerra entre o espiritual e a vida; ora, enfim, cortam na carne viva do real para isolar o *anímico*.

Mas a verdade está numa certa unificação de tudo isso: e nada como a psicoterapia para nã-lo ensinar. Mas antes de fazer psicoterapia, eu já havia notado essa unidade. Minha tese inaugural foi publicada em 1908. Mas em 1905 já estava escrita. E ali apresentei, como uma conclusão, uma definição de consciência como uma coordenação (orientada para uma intenção) de rememorações, implicando uma atualização relativa e subordinando-se em memórias colaterais (menos claras). Voltaremos, mais adiante, sobre êsse arcabouço de definição. Uma sensação ou estimulação corporal conduz ao impulso dos instintos e às decisões da vontade. A mobilidade da imagem, e especialmente o detalhe emotivo (ou qualidade) facilitam as relações e correspondências entre as três atividades, mas unificando-as, e não separando-as.

O erro geral da psicologia não está apenas em descurar o estudo das condições emotivas e espirituais do processo de unificação que preside a reconstrução da alma, em psicoterapia. Ela desconhece que a ação regeneradora (no doente), é equilibradora (na vida ordinária), é sempre orientada pelo espírito, ainda quando formalmente êle parece ausente. Esta ação foi por mim estudada, em "A Criação Estética e a Psicanálise", mostrando, contra Freud, em análises auto-oníricas, como o ideal-módulo *reponta por longe* (isto é, — dirige dissimuladamente as realizações em imagens de sonhos), incorporando-se no conjunto dos desejos, atualizados em comportamentos oníricos. Ela desconhece também que o detalhe emotivo, — parte ou qualidade da imagem, — incorporou-se na imagem, mas veio de sensações e percepções, pelas quais transitou como sobre veículos, conservando o essencial à defesa do indivíduo e da personalidade, mediante o poder especial e significação de revivescência do passado emotivo, cuja importância vital pode ser dessarte conservada e aproveitada pelas mais rápidas e urgentes ações da defesa, mesmo no plano das vivências subconcientes e no inconciente (como no caso do cão, acima exposto). E' por isso que, no final do capítulo segundo, deixei claramente formulado o VI.º item, para o estudo mais pormenorizado dessas leis.

Isto pôsto, e feitos estes reparos preliminares, vamos examinar algumas experiências e observações feitas por mim, e reclamadas, como a da menina F. em uma conferência, em 1930, na Faculdade de Medicina: — Vai para alguns anos, comigo se deu um fato, entre muitos iguais, e de cuja observação minuciosa decorreu minha atitude em face da psicologia.

Todos sabem que ao pegar no sono nós temos, às vezes, certas visões, "vemos umas cousas". São devidas a impressões fortes dos sentidos, ou a visões acompanhadas de intensa emoção.

São as alucinações que precedem o sono, imagens do *pre-dormitium*, ou alucinações *hipnagógicas*, nome discutível, mas aceito em geral.

Vou relatar um destes acontecimentos, que foram a porta por onde mantive as primeiras relações com o inconciente.

Nessa noite, eu tinha visto uma fita muito emocionante; chamava-se *amor de polícia*, e era um episódio de ladrões, que a autoridade perseguia. Fugindo,

o gato subia por um cabo, que estava preso no teto dum edifício de vários andares. Era numa rua silenciosa, ao luar, e o ladrão já havia passado alguns andares quando o polícia começou a subir, mas em breve ia alcançando o fugitivo. Este espera, a meio caminho, e ambos oscilam no vácuo. Quando o guarda está bem próximo o gato maltrata-o a couces na cabeça. Dir-se-ia que o soldado vai cair. Mas não, apenas encolhe-se, estonteado, enquanto o ladrão atinge a parte superior do alto edifício e desaparece. Não caiu. Mas oscilava inerte, num longo vaivém, paralelo à parede. Nesse movimento, talvez porque tocasse na parede, ele torcia-se, ao mesmo tempo. Destarte, quando ele passava, da esquerda para a direita ou da direita para a esquerda, ele girava sobre si próprio, numa torção lenta, que durava todo o deslocamento contra a parede. Havia, portanto, dois movimentos no polícia: ele se deslocava, no espaço; e ele torcia-se sobre si mesmo:

Isto é o que nos interessa.

Uma hora ou duas depois, eu estava deitado, disposto a dormir.

Mas em frente aos meus olhos estava uma porta, do meu quarto, e cujo ferrólho haviam quebrado:

— Esqueceu-me, outra vez, mandar fazer o conserto daquilo... pensei eu, enquanto ia fechando os olhos.

Ao fechá-los, tive a imagem consecutiva do ferrólho.

— Vamos notar esta imagem, pensei vagamente, na indecisão do sono.

(Eu andava então fazendo um estudo sobre alucinações e sobre as imagens consecutivas).

Fito os olhos no ferrólho e fecho-os.

Examinada a imagem, deixo-me ficar, entorpecido, a adormecer, enquanto ainda me passa na lembrança o esforço que fiz puxando o ferrólho, há dias, com dificuldade, pois não se pode agarrar bem aquela ponta que ficou. Esta idéia estava na cabeça, quando tive a primeira "fisgada", perdendo a noção das cousas.

Nesse "desmaio" do sono vi o meu braço puxando o ferrólho.

Aconteceu, porém, que o braço começou a oscilar em vaivém, ao longo da parede, como se estivesse pendurado do ferrólho. Em seguida, esta translação, no espaço, fazia-se com a torção sobre si próprio; era, em tudo, a cópia dos movimentos do polícia, no cinema, com o mesmo ritmo, o mesmo jeito, a mesma lentidão...

E' preciso notar que êsse conjunto de movimentos deu-me verdadeira surpresa. Foi *em sobressalto* que eu disse de mim para mim: "que diabo será isto?"

Mas tal cousa logo *me fez pensar* no polícia do cinema, o qual, pois, *sem eu ter notado, veio misturar-se na minha experiência, quando eu, meio entre San Juan y Mendoza, de tanto sono, já não dava tento de mim mesmo.*

Em uma palavra, o meu incenciente *colaborou*, sem eu saber.

Fez sociedade, veio onde não foi chamado... Mas veio com pouco, *com a forma do movimento*. O mais já estava: logo o braço "*incorporou*" êsse movimento *emotivo, recente*.

Como se traduz isto em linguagem científica?

Dizendo que a imagem do braço e parte da imagem do polícia combinadas deram uma cousa nova: mas em vez de *associação simples*(1), houve a *condensação*, a *verdichtung*, *freudiana*.

Cabe aqui lembrar que, no caso vertente a condensação foi uma *incorporação* (2) e podia ter sido uma *redução* (3), ou uma *transmutação* (4): (depois estudaremos estas 4 leis). Isto foi apenas um exemplo concreto, mostrando:

a) que houve uma intenção de observar uma imagem, o braço, a puxar o ferrólho;

b) que esta intenção se realiza na imagem; eu vejo o braço puxar o ferrólho;

c) que o meu estado sonolento, — queda da autodireção, afastamento do meio (real externo), — permitiu essa realização;

d) que, a favor do mesmo estado, certos elementos inconcientes foram aproveitados; isto é, o braço adotou os outros movimentos que eu tinha esquecido já, então;

e) que os elementos ou tendências inconcientes foram emotivos.

Fazendo a síntese dêstes cinco itens, podemos adotar a seguinte fórmula para êste caso:

Havendo no espírito uma intenção, enquanto se perdia a autodireção, as imagens e tendências quase inconcientes, e as completamente inconcientes realizaram a intenção persistente. Essa realização operou-se mediante alterações de imagens consecutivas, e a favor de um estado semicrepuscular. A realização de puxar o ferrólho foi a de uma intenção recém-nascida, e que a imagem compôs. Como sói acontecer, logo após a intenção, e quando o conhecimento ia desaparecendo no sono, a imagem apresentou uma alteração que era a cópia do que seria a intenção realizando-se. Mas não tive a intenção de fazer com que o meu braço ficasse pendurado. Também não tive a intenção de imprimir a êsse braço o movimento especial. Nada disso foi produto da vontade (nem de compreender ou conceber o braço): O meu espírito não foi a origem de nada disso. Também o meu corpo, isoladamente, não foi a causa exclusiva, como seria na simples imagem consecutiva sem nenhuma modificação. A alma, sim, é que trouxe essas duas cousas. E só depois que a alma trouxe é que o espírito fez disso matéria de estudo, compreensão, e deliberou o presente trabalho. Era de grande beleza e sabor trágico aquela fita, havia poucas horas presenciada. Mas a análise ainda descobriu mais profundas raízes, ligando a emoção do movimento pendular, com uma torção do corpo em cada balanço. A torção do meu braço desenhava-se muito mais completa, e com certo aspecto especial, que não a tornavam igual, de todo em todo, ao movimento oscilatório do polícia pendurado. Era uma rotação igual à que em menino eu me habituara a ver num pequeno macaco de borracha, que minha avó possuía no seu quarto, pendurado por um fio elástico, junto ao lavatório.

Outra auto-análise:

Antecedentes do sonho: grandes preocupações por negócios, e ultimamente pelo estado de saúde de um irmão atacado de úlcera do estômago. Estava êle em dieta e não se conformava com a falta de carne nas refeições. Julgava que um bife grosso e meio cru não lhe fazia mal, e insistia em conservar êsse alimento: Antes de conseguir que êle deixasse do bife, eu procurava não deixar perceber pelo outro médico essa falta, a-fim-de que essa fraqueza temporária desaparecesse em seguida, sem tornar ridiculo o doente aos olhos do médico.

Havia alguns dias, nós tínhamos feito uma mudança de casa. Uma casa cheia de defeitos, que logo foram aparecendo. Não era limpa, como pareceu a princípio. Peças muito pequenas. Mal dividida, a sua entrada levava para os quartos e sala de jantar, sem um hall.

Além disso, estávamos em vésperas de uma reunião, por ocasião de um aniversário. Depois de tudo isso ainda não se esclarece por que razão eu acordei dizendo: "cilem! cilem!"; tendo imediatamente lembrado que nesse mesmo instante eu estava antes gritando "filem, filem!"; e, em seguida, tendo ainda compreendido que isso era a continuação de um sonho em que eu me via a dizer "passem; passem!"

Mas nesse mesmo instante notei que a minha senhora, ao meu lado, chamava a empregadinha "Scilla! Scilla!"

Em que consistiu o sonho? Aparentemente, em pouca coisa: — *Eu estava ajudando a limpar a casa, quando vieram chegando as primeiras visitas. Meu irmão insistia, na cozinha, em comer um bife grosso. Para que não fôsse visto aquele absurdo ridículo, eu me postei à porta e estendi o braço na direção de uma sala, dizendo aos que iam entrando: "passem! passem!"; depois: "filem! filem!"; e por fim, meio-acordado: "cilem!, cilem!"*

Acordei, de todo, nesta altura, e notei que era a minha esposa que dizia, no mesmo tom e ritmo, "Scilla! Scilla!" a chamar a empregada, como costumava.

Análise. — A intenção de véspera, persistindo durante o sono, procurou realizar-se recebendo as visitas e ao mesmo tempo defendendo de seus olhos a atitude do meu irmão, que insistia em ficar fora da dieta combinada. Nenhuma dessas pessoas foi reconhecida: eram vultos, eram visitas que vinham chegando, e nada mais. As duas intenções se realizam no sonho, parcialmente, isto é, em rápidas imagens incompletas. O gesto do braço apontando uma direção aparece como um fim, para o qual tendem a recepção das visitas e a defesa do irmão. As duas intenções, nesse processo de condensação, não se uniram numa *ligação simples*. Também uma delas não se *transmudou* na outra, ou ambas em uma terceira. Nem ainda uma simples *redução*, ou diminuição.

Mas, *recebendo* as visitas, e conduzindo-as de certa forma, ficou incorporada nessa intenção, que se iniciava de certo modo, a outra (de *defender*.) A *defesa* ficou disfarçada na maneira da *recepção*: houve uma *incorporação*, durante a *convergência* das duas realizações para a mesma finalidade, finalidade esta, (passar de certo modo, para determinado lugar), que foi uma modificação nas imagens e na sensação interna (acompanhava-se de emoção intensa, atual, aquela realização).

Essa a primeira fase do sonho. Na segunda fase, houve interferência de uma sensação externa, atual, parasita: os gritos de minha esposa, que chamava a empregada. Os gritos diziam "Scilla!" O sonhador tinha intenção de continuar a dizer "passem, passem", mas ouvia a si próprio dizendo "filem, filem!" e, logo após, "cilem! cilem!" A semiconsciência do sonhador percebia que estava falando e fazendo um gesto. Mas só isso percebia: não percebeu o absurdo de dizer "filem" e logo após, "cilem." Só ao despertar, é que notou o absurdo da sua expressão "*cilem*" e lembrou-se de "*filem*" e de "*passem*", quando ouviu no mesmo tom e no mesmo ritmo a palavra *Scilla*.

Aquí, a condensação entre *passem*, imagem onírica e *Scilla* sensação auditiva, deu como resultado não uma simples *fusão*, conforme é a palavra com que a psicologia alemã se refere a esses fatos no estudo dos complexos. Sensação e imagem convergiram: ambas com suas sílabas e acento tônico na primeira: isso persistiu nos dois resultados auditivos da condensação: filem e cilem. Mas a escassa percepção onírica, tanto de *filem* como de *cilem* não foi capaz

de notar o absurdo, o erro; pôde, apenas, guardar a memória disso, e provavelmente não teria havido conservação, se não fôsse feita, imediatamente, a estimulação da palavra *Scilla*.

No processo de condensação o *a* foi substituído por *i* (nas tônicas, que soavam mais forte). Foi a *intensidade* da sensação que predominou sobre a imagem, e fez uma transmutação. A segunda sílaba conservou o *e*: filem, cilem, porque não sendo tônica a segunda sílaba de *Scilla*, não era tão forte.

Mas o *l* da sensação *Scilla*, por estar ligado à tônica *i*, venceu o *s* da imagem *passem*. Fica ainda neste domínio demonstrado que é a intensidade de um elemento, predominante sobre os outros, que condiciona a percepção. Digo — neste domínio, — porque no domínio do real (acordado), eu já o havia demonstrado, também mediante experimentação, no meu LE RÊVE, (páginas 54 a 62): — a percepção condiciona-se mediante a predominância, de um dos elementos que a integram, sobre os outros elementos. Mais adiante voltaremos a êsse ponto.

Quanto às transformações das palavras — passem, filem, cilem, — o *c* de cilem é claramente de origem externa: veio de *Scilla*. E o *f* de filem?

A auto-análise, na sua relatividade, deu o seguinte resultado: 1) — filar, fila, uma fila de gente; (como a que ia entrando corredor a dentro, na direção que eu apontava; 2) — filar, filantes, os que vêm filar a bóia, na gíria habitual; (isto é, — entrem e filem a bóia). O *f* também não veio por uma causa simples, porém por uma convergência. O sonho foi não consistir, pois, num mero polípeiro de imagens compondo o desejo de que meu irmão obedecesse a dieta. Foi a realizada intenção de o defender contra as visitas...

Essa intenção havia *persistido*. Por que? Evidentemente pela mesma razão que a tendência à fuga persistiu inconscientemente no caso do cão. E também pela mesma razão ou mecanismo que a lembrança do padrasto paralisado demorou na lembrança da menina F. E, se esta, sem ter notícia de um caso de paralisia, houvesse ficado paralisada, que é que persistiria, nesse caso? Persistiria uma sensação ou uma qualidade de imagem ou de sensação; mesmo que esta sensação fôsse recente, contanto que viesse juntamente com uma *emoção* convergente.

Ora, esta última afirmação não é evidente. Vamos trazer um exemplo, e uma confirmação. Os tratados antigos de sugestão e hipnotismo referem um processo de sugestão, dos mais eficazes. Subia para o palco (era naqueles tempos quase sempre em público), qualquer pessoa, em geral desafiando a capacidade do hipnotizador... Era mandado levantar a cabeça até o máximo; ficando com o rosto para cima. Com os gritos do "magnetizador", e a emoção do público, era submetido à prova decisiva. O magnetizador gritava-lhe: "não feche a boca!" E, em seguida: "não pode mais fechar a boca!" Era o comêço infalível. O paciente não sabia, como o leitor, provavelmente, que nessa posição não se pode fechar a boca sem uma grande tração nos músculos anteriores do pescoço... Mas não era êste fato, *por si só*, que dava a sugestão: era a *emoção*, o medo, o atordoamento, que a condicionava. E' assim que se compreende como a emoção ajudou a F. a construir a paralisia, quando ela disse à mãe: "agora é uma coisa diferente." E' assim que se compreende como a emoção, auxiliando o efeito de uma parestia, ou uma *dormência*, simples entorpecimento, ou fadiga, pode organizar uma paralisia mesmo em quem nunca viu uma paralisia... O essencial é que haja *convergência*, e que nessa *convergência* haja a emoção, desde a emoção dum salão, e dum teatro onde se faz a experiência, até à tênue ou despercebida emoção que das percepções do passado, ligadas à com-

preensão, e transitando pelas sensações sob a forma duma qualidade, ou *detalhe*, ficou, depois, reduzida a um ritmo que é *incorporado* numa sensação ou imagem. Ora, no sonho do "filem", a emoção condicionou o gesto que o acompanhou. Essa emoção persistiu, com a intenção de defender o irmão. Persistiu, depois de uma deliberação concientemente tomada. Persistiu mais: resistiu na intenção, ainda quando a intenção estava-se realizando em imagens, e a violência da sensação externa, e os gritos de "Scilla!", sobrepondo-se em intensidade às imagens, apagaram o "passem", mudaram-no em "cilem"; porque, nessa altura, enquanto o sonhador, na meia integração da semiconsciência, via-se fazendo um gesto, e dizendo "cilem", ele também via-se realizando a *sua* intenção, de defender o irmão, e com emoção atualizada. Por outras palavras: *quando a intensidade da sensação "Scilla" reduziu ou apagou a imagem "passem", não conseguiu reduzir nem apagar a intenção emocional de mandar passar numa certa direção*. Por isso o sonhador se via fazendo o gesto (defendendo o irmão), e dizendo "filem" e "cilem".

Na observação do "*amor de polícia*", numa ausência hipnagógica, a imagem presente incorporou a torção, que era um antigo *detalhe emotivo*, reavivado havia poucos instantes, pela contemplação da fita emocionante.

Pode-se concluir que não somente a intenção, mas também as sensações, movimentos e imagens, e até os detalhes ou qualidades da imagem devem o seu vigor e a sua persistência à qualidade emocional de que estejam impregnadas. E' a emoção que confere à qualidade duma simples imagem a relativa imortalidade que lhe garante a persistência, a faz transitar para as novas imagens, ou surgir numa sensação a que se incorpora, ou enxertar-se na conduta viva da personalidade. Daí o nome que lhe quis eu dar, de *detalhe emotivo*, em que pese o galicismo.

A emoção é um dos elementos que asseguram a unificação na atividade psíquica. Na ausência ou grande diminuição dela, porém, a intensificação poderá vir por meios diferentes. E' o que acontece na percepção das formas. Um todo físico deve a percepção da sua forma a uma certa distribuição da intensidade, que é feita em graus diversos. Ora, uma análise da percepção é do mais alto interesse psicológico, porque é um dos caminhos que nos poderiam levar à compreensão do mais fundamental dos milagres, — o milagre da consciência, essa coisa única, que esclarece, como a luz, simile que muito se lhe ajusta. Cabe, pois, aqui, o resumo do que já publiquei no meu *Le Rêve*.

Haverá, então, na simples percepção duma forma, dum objeto físico, essa unificação dos diversos elementos de sensação e das inúmeras imagens associadas? Essa unificação também repousará numa ordenação de intensidades? E, se fôr assim, será possível demonstrar que a intensificação de um certo elemento do mesmo objeto dá uma certa percepção.

A experiência citada em *Le Rêve* é a seguinte:

Olhemos a figura 34; olhar em conjunto: em seguida, procuremos abran-ger com a vista ao mesmo tempo o contôrno *a c d g h e*. Façamos isso algumas vezes e repousemos. Agora estamos habituados, ou treinados. Podemos olhar êsse conjunto *a c d g h e* muito mais facilmente. Portanto, poderemos fazer mais alguma coisa, enquanto conservamos sob o olhar êsses seis pontos concomitantemente: Vamos, pois, durante essa fixação dos olhos, (e sem deixar de ter e conservar essa fixação), prestar atenção, — sem mexer os olhos, — para um ponto, *b*, ou *f*, colocado no interior da figura.

Isto pôsto, e conservando a vista sôbre o contôrno *a c d g h e*, vamos fixar

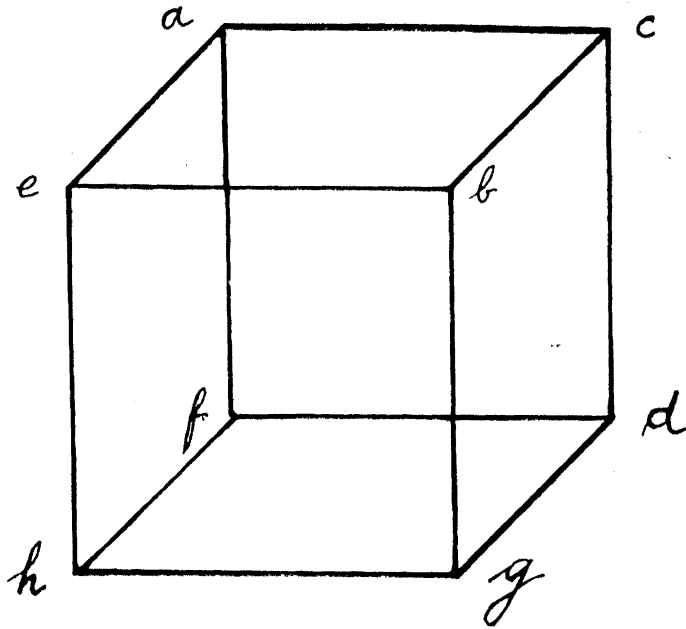


Fig. 34

o ponto *b*. Em seguida, fixamos o ponto *f*. Repetindo esta experiência, veremos que, ao fixarmos o ponto *b*, o cubo fica repousando sobre a face *h f d g*, (forma de repouso que daria o esquema *b* próxima, e o esquema *f* do lado oposto).

Se, porém, fixarmos *f*, o cubo passará a repousar sobre a face *e b g h*, (que é o repouso em que *f* fica mais perto e *b* mais longe): iguais tôdas as outras condições, uma coisa vista de ao perto é mais intensamente vista; de muito longe, muito vagamente.

Na experiência, a fixação dos olhos num certo ponto deixará sempre os pontos em redor numa visão marginal, isto é, vagamente sentida, isto é, menos intensa será a sensação visual.

O resultado da experiência ainda é mais nítido, se, ao fixarmos *b*, prestarmos atenção para a linha *b g*, ou *b c*, ou *b e*, ou para as três.

O mesmo se confirmará, quando fixarmos o ponto *f*, se prestarmos atenção às linhas *f h*, *f a*, *f d*.

Os elementos fixados *predominam*, em intensidade, sobre os outros, que, dessarte, lhes ficam subordinados na ordenação da intensidade; (isto é, a *subordinação* relativa, condição da percepção da forma.)

Assim como ficou demonstrada para a percepção visual, assim se dá para as outras. E, como as sensações estão associadas na integração de cada objeto, quando este é percebido pelo tato, ficam subordinadas a ele as imagens da vista, (V); ouvido, (A, audição); olfato, (O.) e gosto, (G.) Assim: — a sensação tátil, (T), predominando sobre as outras sensações, podia-se representar essa *subordinação relativa* por esta forma:

$$\frac{T}{G A V O}$$

Ou, em letras minúsculas as imagens:

$$\frac{T}{g a v o}$$

E' o esquema da relação dos elementos principais: quando, por exemplo, no escuro, palpando um objeto, que parece caramelo, lembra-me, mais ou menos vagamente, o seu gosto, o barulho quando mastigado, a sua côr, e o aroma. Se, porém, no escuro, além de palpar, cherei o objeto, provei, ouvi o ruído, então teríamos:

$$\frac{T G A O}{V g a v t o}$$

Nesse caso ficaram em subordinação a sensação visual e as imagens sensoriais. Na quase inconsciência ou distração com que, procurávamos perceber o objeto, ainda há cousas que ficavam menos claras, e portanto em *subordinação da intensidade*: a cenestesia, (C); quinesísticas, (K); tatil, (t); tendinosa, (t'); térmica (t''). Este grupo menos claro, ou completamente despercebido, (C K t t' t''), deveria portanto aparecer no plano inconciente.

$$\frac{\left(\frac{T G A O}{V g a v t o} \right)}{K t t' t'' C}$$

E no mesmo instante, passando a me preocupar um rápido instante, ou subitamente lembrando a intenção que tinha de ir à rua, tudo fica subordinado àquela lembrança i, ou ainda mais se começo a deliberar a intenção (I), e estas duas ainda podem se relacionar, predominando a intenção atual sobre a intenção lembrada:

$$\frac{\left(\frac{I}{i} \right)}{\left(\frac{T G A O}{V g a v t o} \right)} \\ K t t' t'' C$$

O apitar da locomotiva (por exemplo), sensação auditiva A, constelada pelas miragens sensoriais do tom, carvão, barulho, cheiro, etc. (g a v t o), põe repentinamente em predominância o silvo, $\left(\frac{A}{g a v t o} \right)$ sobre tudo aquilo:

$$\frac{\left(\frac{A}{g a v t o} \right)}{\left(\frac{\left(\frac{I}{i} \right)}{\left(\frac{T G A O}{V g a v t o} \right)} \right)} = M R$$

$$\frac{}{K t t' t'' C}$$

No mesmo instante resolvo apressar, e esta intenção se sobrepõe a tudo isso, que acima está representado e que passa a ser memória recente (M R).

Então teremos:

$$\frac{\left(\frac{\left(\frac{1}{i} \right)}{G A V T O} \right)}{gavto K t t' t'' C M R} = M' R'$$

Agora, uma pergunta: é muito fácil escrever M R, como é muito fácil teorizar o atomismo psíquico inaceitável; então, como é que poderia figurar essa memória recente na atividade, no conteúdo do espírito sem trazer a confusão? Como um estado emotivo, como uma significação, uma atitude, um sentido: é o que talvez respondesse a psicologia oficial. Mas a nossa análise nos permitiu, durante êste capítulo, admitir que é o detalhe emotivo (a qualidade resultante de imagens, a qual muitas vezes já fez da sensação atual o seu veículo); é o detalhe emotivo o elemento que faz viver o passado, para defesa da vida total.

Em cada instante todo o conjunto do conteúdo mental e anímico desliza para o conteúdo seguinte, M' R'.

Assim a coordenação vital, a unidade da pessoa tornam-se função do afeto, da emoção, da paixão, que só a análise descobre, aos olhos do psicoterapeuta, nos detalhes emotivos, essência do passado, e espiritualização da vida, porque é a linguagem do ideal.

Tocamos, assim, por um duplo processo de experiências internas e externas, no problema da unificação espiritual, diversa da unificação da forma física. O mundo inanimado poderá nos revelar agrupações de elementos compondo uma estrutura, com resultado hipersumativo, isto é, com uma resultante que não é uma pura soma dos elementos, porém que provoca uma tendência significativa. Entretanto, o leitor filósofo aceitará para logo a afirmação desta diferença fundamental: que nos *todos espirituais* a significação hipersumativa é profunda, e ampla, porque a totalidade do passado, transitando graças à essencialização operada pela emoção (e pelo amor ligado à vontade), orienta o futuro e incorpora-se na atividade atual, impregnando, como um perfume, cada atividade anímico-espiritual, conforme se descobre pela permanência dos detalhes emotivos. De fato: não é uma imagem qualquer que orienta a ação, e encaminha para o fim desejado. É uma certa qualidade dessa imagem, — o detalhe emotivo. As tendências e atos convergem para uma finalidade, projetam-se sobre o futuro: mas o detalhe emotivo, — já despercebido, e a-pesar-disso podendo ser o refúgio

disfarçado de ideais remotos, — fica no domínio do espiritual *como a garantia da defesa*, porque conserva a essência da totalidade.

O papel e importância dos detalhes emotivos, dissimulados, despercebidos ou desconhecidos, constitui, na minha opinião, o fato central da psicologia: não só porque atualiza as condições em que se processa a finalidade, como porque permite compreender melhor o enigma da consciência, e da personalidade. Por essa razão, e para êsse esclarecimento, o detalhe emotivo será ainda tratado, a êsse respeito, em um capítulo especial, para estudarmos as suas relações com a consciência e a finalidade.

Fechemos êste capítulo com a análise auto-onírica seguinte:

Antecedentes. — Vésperas de uma das intervenções cirúrgicas, a que me submeti. A operação estava decidida, a-pesar-de que um dos colegas ouvidos indicara que se devia evitá-la. E, na sua intimidade, passeando no meu quarto insistia, contra a opinião dos outros, e repetindo: “olha, que se faz muita operação desnecessária!”

Sonho. — Estou amarrado na cama e sinto as cordas me apertarem a cabeça, o ombro, o pescoço. Vejo um ladrão a caminhar no quarto, ameaçando-me, porque eu quero fazer movimentos, e ele grita... “ooooooooolha...”

Análise. — As cordas amarradas correspondem aos pontos mais dolorosos do meu corpo. Eu estava com ataduras um tanto apertadas. A figura do ladrão lembrava a de certos *apaches*. (Omito, por desnecessária, a longa análise que se lhe refere.) O que importa é que, sem embargo da emoção produzida pelo fato de estar amarrado às mãos de um malfeitor, (ou viceversa), eu ouvia a interminável palavra “ooooooooolha!” a qual não acabava, e durava enquanto o ladrão ia e vinha, meio inclinado, e era sempre a mesma palavra...

Tudo isso é absurdo: para durar assim, era preciso ficar sempre na primeira sílaba (oooooooo...) Desde que o *lha* soasse, já devia ficar “lhaaaa”... e voltar depois outro “oooooooo...” Mas nada disso aconteceu. O que se deu foi um *olha* que não parava nunca, e a-pesar-de ficar no “oooooooo...” eu sabia, percebia que era um “ooooooooolha” interminável.

Uma parte dêsse absurdo se esclarece logo, se eu disser que, acordando com a emoção, notei que o “oooooooo” ainda continuava, e não tinha o “lha”. Era um vapor apitando demoradamente.

O apito, com uma tonalidade em *o*, deve ter dado a sensação que as imagens integrantes do ladrão ameaçante *incorporaram*. E incorporaram, porque tôdas elas convergiam para o fim de realizar a ameaça, ligada às emoções do meu estado.

Entretanto, a sensação externa foi “ooo...” As imagens oníricas que ela encontrou foram as do ladrão caminhando. A sensação devia dominar em “oooo”, se a emoção, e as ligações desta com as palavras do colega, na véspera, não tivessem suscitado a revivescência do perigo da operação, transformando a dor da cabeça em amarração.

Ora, o indivíduo caminhando podia simplesmente dizer “oooooooo”, um “ol!” interminável: e essa seria a incorporação que as imagens podiam realizar. A parte “lha” não vinha nem da sensação do apito, nem das imagens componentes do ladrão. Entretanto, para além da incorporação possível, ou por baixo dessa incorporação, ou ainda, envolvendo essa incorporação, existia a vaga percepção onírica do *lha*. Ou (se quisermos evitar palavras espaciais), havia uma intenção emotiva, uma unificação que ligava a incorporação à *atitude do passado* (ouvir os perigos que se me indicavam); e à intenção atual de me defender contra o

ladrão, a-pesar-de atado, e procurando notar-lhe os ataques que poderia fazer, e, portanto, prestando atenção a ele, ouvindo-o, *procurando a saída que me fôsse mais vantajosa*.

Ora, êsse elemento é a base de tudo, é a essência de todo o acontecimento psíquico analisado. Eu já o estudei em o *LE RÊVE ET LA SÉLÉTION DES IDÉES*. Estudei-o, principalmente, porque as análises à Freud, à Adler, à Jung, etc., não o estudaram especialmente, a-pesar-de que muitas observações de sonho (haja vista as de S. Agostinho), já haviam chamado a atenção para êsse aspecto fundamental da atividade psíquica onírica.

Ora, que significação tem êsse fato? Que, além de realização de certos desejos, se possa descobrir no sonho uma *significação profunda nessa atitude de procurar uma saída, uma solução mais vantajosa*? Isso significa que a nossa vontade, e o nosso ideal-modelo estão influenciando remotamente, mas decisivamente, nas realizações do comportamento onírico... O sonho não é a vontade que se realiza claramente. Porém as realizações oníricas guardam sempre o aspecto, o ar especial da vontade individual do sonhador. Êste entra a sonhar levando para o comportamento onírico arranjos particulares que atualizam a vontade que teve na véspera, a intenção persistente, e isso na medida em que o sonho deixa de ser uma simples reminiscência. E' o que se observa com os sonhos altamente emotivos, ligados a instintos de defesa, a grandes ideais de poder, de ambição, e de amor. A atividade psíquica dessarte requerida não pode demorar; acorda o adormecido, pela intensidade do trabalho mental.

Se hoje adormecemos com uma fome extrema, todos sabemos que havemos de enxergar um assado, belas frutas, manjares convidativos. Sentados a mesas bem fornidas, comemos e bebemos. Se há pouco deixamos de fumar, também o sonho nos dará cigarros. São desejos, que encontram satisfação. Mas eu reproduzo o cigarro que costumava fumar, ou que vi há pouco.

O assado, a fruta, são também imagens aproximadas de cousas vividas. Não me deliciarei comendo um camondongo, ou um gafanhoto, pois não vivo na Ásia.

Ao contrário: se eu me encontro a fazer esforços para desamarrar-me, sem que o ladrão veja, e êste, ao meu primeiro esforço grita — *oolha!*... — então, a situação já me manifesta um germe de vontade. E' já um trabalho do espírito. Vontade e defesa. O mesmo se encontra analisando o sonho, acima referido, do "*cilem! cilem!*".

Isto é, vestígios disfarçados da vontade da véspera. Mas, ainda quando a vontade não é ativa, operante, eficaz, ela pode aderir a uma imagem, sensação ou intenção atuais, disfarçada, como vimos acima, sob o descuidado aspecto de uma qualidade incorporada ao conteúdo do sonho. Assim se verificou pela torção, e antes pelo braço pendente do ferrôlho, na alucinação do pre-dormitium.

Essa análise mostra como se relaciona a vontade (espírito); a dedicação amorosa (alma); e as sensações do momento, (corpo). Mostra como se diluem essas atividades, no passado, para se projetarem, despercebidas, sobre o plano pré-ensaiado para o futuro (detalhe emotivo).

Tocamos, aqui, em forma concreta, no processo de unificação da pessoa. E' o lado psíquico da biotipologia. E' é também o subsídio que a caracterologia devia oferecer ao psicoterapeuta e ao pedagogo. Tudo parece relativamente simples, enquanto demoramos na convergência de sensações que tendem ao mesmo fim; de inclinações amorosas e caridosas (entrega de si), que tendem ao mesmo fim; e de atos de vontade que tendem para a mesma finalidade remota

ou próxima. Essa convergência não é mera *fusão* ou *combinação* , conforme é o gosto da palavra usual à psicologia. Pode ser um processo de: 1) ligação simples, 2) redução, 3) transmutação, e 4) incorporação (Veja-se LÉ RÊVE). Assim se compreende como as mais elevadas deliberações da inteligência podem colaborar nas realizações dos instintos. A verificação é fácil, quando não houve antagonismo entre esses elementos. É difícil, quando os elementos antagonísticos lutam entre si, até que esse equilíbrio de antagonismos, resultante da direção à mesma finalidade, restabeleça a unificação da vivência. Vimos, no capítulo 1.º, o *equilíbrio de antagonismos* no plano morfológico e no plano fisiológico. No plano psicológico, e caracterológico, esse equilíbrio é um fato novo. Entende com a substância da alma atualmente unida à vontade. Verifica-se estudando, e vivendo os grandes triunfos da vontade que remodelam a alma humana, e criam a sua vida em pleno domínio da harmonia. Os seres inferiores, o animal, não podendo refletir e viver os resultados desse esforço voluntário, — destituídos de superioridade espiritual, — não percebem ideais, e demoram num domínio diferente, que é o do instinto, para o qual conservam uma sensibilidade que nós, na civilização, temos perdido, em vista do antagonismo com o espírito. Se o leitor já tem feito observações na vida rural, talvez haja notado as explosões da emoção do gado que veio cheirar o pasto, cheio do sangue recente, da rês há pouco carneada. O gado nada viu dessa carneação. Só sentiu, e *pela primeira vez* , o cheiro do sangue. Uma qualidade particular desse cheiro desencadeou a tempestade, quase soluçante, de dōres e berros... Como é que o sistema nervoso recebeu e conservou, através de milênios, e através dos espermatozoides minúsculos, a realidade vital desses instintos?

Como quer que haja podido ser conservada essa capacidade de emoção, ela é uma emoção dominadora. Pode-se observá-la em animais novos, conservados num potreiro, onde nasceram, e que nunca cheiraram o pasto cheio do sangue duma carniça, nem viram abater uma rês. O organismo inferior já estava pré-adaptado a exprimir essa emoção, que é ligada à *defesa* inconciente do animal. Esta tendência defensiva, orientando a conduta instintiva, é uma porta pela qual veio atuar o passado, porque o animal é sensível a esse cheiro, e não a outro. É o cheiro do sangue, cheiro ligado ao perigo de morte, e não o cheiro do animal que no mesmo lugar estivesse deitado. *A qualidade particular da sensação, relacionada ao passado da espécie, tende, pois, a orientar, num animal inferior, a conduta defensiva. Portanto, a unificação é uma tendência não só originada na alma impregnada pela vontade e inteligência; ela já se opera no plano dos instintos* (na atividade fisiológica, isto é, na face funcional do biótipo).

Mas, se a unificação era já uma tendência no plano dos instintos, quando os nossos atos recebem os detalhes emotivos, isto é, a colaboração da nossa vontade e dos nossos ideais, dar-se-á inevitavelmente uma convergência das duas tendências defensivas, vindo uma do passado, e a outra da alma atualizada pela vontade. *Em vista disso, não é tanto a forma atual do biótipo que tem importância na pedagogia e na psicoterapia, mas todo o passado, que essencializou, pelos detalhes emotivos, o que era vitalmente indispensável à conservação do indivíduo e da espécie, isto é, — à defesa.*

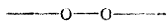
Como é possível que não se estudem essas condições da psicologia educacional e da medicina do espírito? Eu não desejo fazer da caracterologia uma filosofia da natureza. Mas, ao contrário, reconheço que qualquer ciência particular deve conservar sua independência, ainda quando orientada por uma concepção geral na ordem filosófica. Entretanto essa independência não deve obrigar a

uma ciência de pura mecanização. A pesquisa científica, estudando a ordenação ou as variações dos mecanismos, pode *essencializá-los*, isto é, — *descobrir neles a modificação pela qual se traduzem os detalhes emotivos, vindos do passado, e cuja essência vital êles resumem*, conforme as investigações ilustradas nas experiências acima referidas. Em face da magnitude duma psicologia caracterológica assim constituída, é que se justifica a admiração cabível, quando interrogamos, acima, — “como é possível que não se estudem essas condições da psicologia educacional e da psicoterapia?”

Enfim, e como conclusão geral dêste capítulo, a *defesa*, que a análise descobre como uma significação essencial, é precisamente aquilo em que consiste a *finalidade vital*, a que aludí no cap. I. Pode-se concebê-la e até comprová-la; e sem que essa finalidade pretenda mostrar uma força divina, agindo de fora sobre a natureza: se essa bagatela pretendesse demonstrar a existência de Deus cientificamente, o que fôsse demonstrado não seria Deus. Ou, por outras palavras, a minha *finalidade vital* não pretende fazer do mundo um ser vivente, com os seus fins bem escolhidos, e manifestando a sua intenção em cada um dos fatos que analisámos aqui.

Minhas análises tendem a mostrar, pela descoberta dos detalhes emotivos, nos três planos da pessoa humana, que há alguma coisa mais do que a simples causalidade eficiente, tal como a estabelece a ciência atual. Essa causalidade aparece subordinada a uma tendência à defesa do todo, da totalidade física e psíquica. E essa significação defensiva reponta, nessas observações, no mesmo sentido dos detalhes emotivos, atualizando a orientação.

Não seria, acaso, propositado reservar a palavra finalidade vital para a atualização dessa orientação?



Entretanto, o sentido atual dessa defesa é às vezes inconciente, e suas origens, ideais-modelos, mais inconcientes. É assim como o erro da pessoa histérica, aparece a eliminação dêsse erro, por ação inconciente do ideal latente, por baixo do conceito social dominante, de não ser *maricas, almofadinha, ridículo, hipócrita*... fesses ideais-modelos são inconcientes, e são *defesa*.